

Secando memórias: resgate de objetos biográficos na enchente do Rio Grande do Sul (2024)*



Paula Garcia**
Barbara Heller***

Recibido: 2025-11-29 • Enviado a pares: 2025-12-09
Aprobado por pares: 2026-04-17 • Aceptado: 2026-05-13
<https://doi.org/10.22395/angr.v25n49a07>

Resumo

Este artigo investiga como as pessoas afetadas pela catástrofe meteorológica que atingiu o Rio Grande do Sul entre abril e maio de 2024 lidam com as perdas materiais de valor simbólico e afetivo provocadas pelas enchentes. A pesquisa justifica-se pela necessidade de ir além dos danos estruturais e econômicos, visibilizando o impacto emocional da tragédia. O objetivo central é compreender o papel dos objetos biográficos na reconstrução da memória, da identidade e do sentimento de pertencimento em contextos de trauma coletivo e deslocamento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, baseada na análise documental de um corpus de oito reportagens veiculadas em mídias locais e nacional. Os dados foram coletados a partir de critérios de inclusão que priorizaram narrativas de perda, resgate e restauração de pertences pessoais, excluindo abordagens estritamente financeiras. A partir dessas narrativas jornalísticas, observou-se, como principal resultado, que o sofrimento relatado ultrapassa a dimensão física da destruição e alcança o campo das memórias afetivas. Fotografias, brinquedos e móveis configuram-se como extensões da história familiar. O estudo demonstra que o gesto de secar, limpar e preservar objetos danificados é também um ato comunicacional, cultural e político, pois traduz a tentativa de narrar novamente a si mesmo e à coletividade após o trauma. Conclui-se que as práticas de preservação das lembranças assumem papel essencial na reconstrução emocional, social e simbólica das comunidades atingidas, revelando a força da memória como elemento de continuidade, pertencimento e resistência.

Palavras-chave: Comunicação; Memória coletiva; Patrimônio cultural; Inundações; Riscos naturais; Identidade cultural; Brasil.

* Artigo resultante da pesquisa desenvolvida no âmbito da tese de doutorado com o título provisório "O que fica depois da tragédia? As memórias perdidas na enchente do Rio Grande do Sul (2024)". A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, Brasil, tese de doutorado intitulada: "Na Geografia da Perda, a Memória que Fica: Narrativas de salvaguarda dos objetos biográficos na enchente do Rio Grande do Sul (2024)." do qual fazem parte as autoras, e é financiada pela CAPES/PROSUP.

** Mestra em Comunicação e Doutoranda da Universidade Paulista (UNIP). Brasil. E-mail: paula.garcia7@aluno.unip.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5115-0266>

*** Docente da Universidade Paulista (UNIP). Doutora em Teoria e História Literária. Brasil. E-mail: barbara.heller@docente.unip.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8997-0155>

Drying Memories: Rescuing Biographical Objects in Rio Grande do Sul Floods (2024)

Abstract

This article investigates how people affected by a meteorological catastrophe that struck the state of Rio Grande do Sul from April to May 2024 cope with the material losses of symbolic and affective value caused by the floods. This research is justified by the need to go beyond structural economic damage, making visible an emotional impact of a tragedy. The central objective is to understand the role of biographical objects in the reconstruction of memory, identity, and a sense of belonging in contexts of collective trauma and displacement. This is a qualitative exploratory study based on a documentary analysis of a corpus comprising eight news reports published in local and nationwide media. Research data were collected based on inclusion criteria that prioritized narratives of loss, rescue, and restoration of personal belongings, excluding strictly financial approaches. Based on these journalistic narratives, the main finding was that the suffering recounted transcends the physical dimension of destruction and reaches the realm of affective memories. Photographs, toys, and furniture become extensions of family history. This study demonstrates that drying, cleaning, and preserving damaged objects also constitute a communicative, cultural, and political action, as it reflects an attempt to re-narrate oneself and the community after a trauma. It concludes that preserving memories plays an essential role in affected communities' emotional, social, and symbolic reconstruction, revealing the power of memory as an element of continuity, a sense of belonging, and resilience.

Keywords: Communication; Collective memory; Cultural heritage; Floods; Natural hazards; Cultural identity; Brazil.

Secando memorias: rescate de objetos biográficos en la inundación de Rio Grande do Sul (2024)

Resumen

Este artículo investiga cómo las personas afectadas por la catástrofe meteorológica que golpeó al estado de Rio Grande do Sul entre abril y mayo de 2024 enfrentan las pérdidas materiales de valor simbólico y afectivo provocadas por las inundaciones. La investigación se justifica por la necesidad de ir más allá de los daños estructurales y económicos, visibilizando el impacto emocional de la tragedia. El objetivo central es comprender el papel de los objetos biográficos en la reconstrucción de la memoria, la identidad y el sentido de pertenencia en contextos de trauma colectivo y desplazamiento. Se trata de una investigación cualitativa y exploratoria, basada en el análisis documental de un corpus compuesto por ocho reportajes difundidos en medios de comunicación locales y nacionales. Los datos fueron recopilados a partir de criterios de inclusión que priorizaron narrativas de pérdida, rescate y restauración de pertenencias personales, excluyendo enfoques estrictamente financieros. A partir de estas narrativas periodísticas, se observó como principal resultado que el sufrimiento relatado trasciende la dimensión física de la destrucción y alcanza el ámbito de las memorias afectivas. Fotografías, juguetes y muebles se configuran como extensiones de la historia familiar. El estudio demuestra que el acto de secar, limpiar y preservar objetos dañados constituye también un acto comunicacional, cultural y político, ya que traduce el intento de narrarse nuevamente a sí mismo y a la colectividad después del trauma. Se concluye que las prácticas de preservación de los recuerdos desempeñan un papel esencial en la reconstrucción emocional, social y simbólica de las comunidades afectadas, revelando la fuerza de la memoria como elemento de continuidad, pertenencia y resistencia.

Palabras clave: Comunicación; Memoria colectiva; Patrimonio cultural; Inundaciones; Riesgos naturales; Identidad cultural; Brasil.

Introdução

No dia 27 de abril de 2024, o Rio Grande do Sul foi surpreendido por um temporal que marcou o início da maior catástrofe meteorológica¹ da história do Estado, segundo o ministro designado para coordenar sua reconstrução, Paulo Pimenta. Ao longo das semanas seguintes, o Brasil acompanhou, por meio das mídias tradicionais e digitais, imagens impactantes de cidades submersas, lares destruídos e milhares de pessoas desabrigadas. A tragédia não apenas evidenciou a vulnerabilidade da infraestrutura urbana e rural diante de eventos climáticos extremos, mas também trouxe à tona uma dimensão muitas vezes negligenciada: a perda de objetos biográficos e memórias afetivas.

Enquanto o foco principal das reportagens recaía sobre perdas materiais essenciais, como moradia, vestimentas e alimentos, todos eles possíveis de serem comercializados e monetizados, algumas narrativas ressaltaram a dor subjetiva das vítimas ao verem suas lembranças levadas pelas águas. Fotografias, roupas com valor sentimental, móveis herdados, brinquedos e outros itens biográficos desapareceram, deixando lacunas na memória coletiva e individual. Embora invisíveis a um olhar pragmático, essas perdas representam uma ruptura simbólica com a própria história, dificultando o processo de ressignificação e reconstrução pós-trauma. Trata-se, pois, de um acervo simbólico que jamais poderá ser trocado por outro equivalente, pois a relação longa entre quem os guarda e seus itens torna impensável a separação entre eles (Kopytoff, 2008, p. 109).

A compreensão desse processo ganha profundidade quando observada à luz de Judith Herman, cujo livro *Trauma and Recovery* (1992) nos ajuda a entender como experiências extremas desorganizam identidades, vínculos e narrativas pessoais. Ao analisar sobreviventes de violência política, abuso e desastres, Herman demonstra que o trauma rompe a continuidade biográfica, produzindo uma sensação de perda de mundo e de si. Sua proposta de recuperação se estrutura em três estágios essenciais: estabelecimento de segurança, lembrança e luto, e reconexão com a vida cotidiana, permitindo iluminar as camadas subjetivas da tragédia no Rio Grande do Sul. Em situações de desastre, a segurança inicial envolve tanto a proteção física quanto a reorganização emocional diante da ameaça prolongada; o trabalho de lembrança e luto ultrapassa a perda de bens materiais, alcançando objetos biográficos que sustentavam memórias e pertencimentos; e a reconexão depende da possibilidade de retomar laços, rotinas e símbolos que ancoravam a identidade antes das águas.

A dinâmica descrita por Herman (1992) ajuda a compreender por que a perda de determinados itens, aparentemente simples, adquire uma dimensão tão profunda no

1 De acordo com a matéria da Agência Brasil, em maio/2024: "Maior catástrofe meteorológica da história do RS", diz ministro. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/estamos-diante-da-maior-catastrofe-meteorologica-da-historia-do-rs>. Acesso em 23 out. 2024.

contexto apresentado. Os objetos arrastados pelas enchentes, sejam eles fotografias, vestimentas ou móveis, são entendidos aqui como cultura material e imaterial. Material, porque são palpáveis, têm (ou tiveram) utilidade para tornar a vida mais segura, fácil e confortável; imaterial, porque transmitem conhecimentos de geração em geração, fomentam o sentimento de identidade, continuidade e pertencimento, ou seja, carregam memórias. Como objetos biográficos, eles funcionam como âncoras que conectam os indivíduos ao seu passado e conferem continuidade às suas narrativas pessoais. Segundo Ecléa Bosi (2003, p. 26), "as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade", um aspecto essencial para a estabilidade emocional e psicológica, especialmente em contextos de tragédia e luto.

Os objetos de amor servem como lembranças indiciais de eventos ou relacionamentos importantes na narrativa da vida, ajudam a resolver conflitos de identidade e tendem a estar intimamente inseridos em uma rica rede simbólica de associações.² (Ahuvia, 2005, p. 179, tradução nossa)

A memória, nesse sentido, não se limita ao campo da lembrança, manifestando-se também nos elementos concretos que compõem o cotidiano e que se tornam marcadores simbólicos da trajetória de cada pessoa. "O símbolo é uma categoria não literária; são chamados simbólicos os 'objetos felizes' que, ao serem observados, devem gerar determinadas sensibilidades" (Assmann, 2011, p. 318).

As enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul, em 2024, não constituíram um evento pontual, mas um desastre de longa duração. De acordo com a publicação *As enchentes no Rio Grande do Sul: lições, desafios e caminhos para um futuro resiliente* (2025), da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), extensas áreas de planície no entorno do Jacuí, do Guaíba e da Região Metropolitana permaneceram alagadas por mais de um mês, configurando uma inundação de escoamento lento e marcada pela estagnação das águas, o que impediu o retorno imediato das famílias aos seus lares e inviabilizou qualquer tentativa de resgatar pertences e memórias materiais. A dimensão temporal do evento se prolongou ainda mais em seus efeitos, e as infraestruturas essenciais permaneceram comprometidas, como o aeroporto Salgado Filho, cujo fechamento se estendeu por aproximadamente seis meses, dificultando deslocamentos, reencontros e a retomada da normalidade cotidiana.

Esse contexto ajuda a compreender a profundidade do impacto provocado pela perda de objetos biográficos, que ultrapassa a dimensão material da destruição. Quando esses itens desaparecem, não é apenas o espaço físico que se altera: rompe-se também a tessitura afetiva que sustenta as narrativas pessoais. Suas ausências reconfiguram trajetórias, silenciam lembranças queridas e desestabilizam a continuidade das

2 No original: Love objects serve as indexical mementos of key events or relationships in the life narrative, help resolve identity conflicts, and tend to be tightly embedded in a rich symbolic network of associations. (Ahuvia, 2005, p. 179).

histórias de vida dos atingidos. Em meio à tragédia, os objetos biográficos são, muitas vezes, o que define quem somos e de onde viemos. É o que também sugere Barbosa (2019, p. 15) ao se referir a uma das sete cartas de Theodora Dias da Cunha, mulher africana e escravizada no Brasil, que reivindicava, em 1868, por meio de uma carta ditada a um escriba e endereçada ao marido, que fosse alforriada (Wissenbach, 2002):

Quaisquer que sejam os documentos-rastros transformados em matéria-prima da história, esses são, antes de mais nada, vestígios, indicando a existência de um passado e que nele foram gerados atos comunicacionais que permaneceram durando, como rastros ou como restos, como indícios ou materialidades do passado (Barbosa, 2019, p. 15).

Não restam dúvidas de que essa produção, tanto por sua longevidade quanto pela novidade de comprovar a existência de homens e mulheres alfabetizados entre a população brasileira escravizada do século XIX, tem a envergadura de um documento histórico, a ser preservado em acervos ou na seção de obras raras de bibliotecas. No entanto, um simples bilhete, uma peça de roupa ou um livro podem alcançar o mesmo estatuto dos escritos de Theodora, independentemente de quando foram produzidos, pois evocam sentimentos, resgatam afetos e até mesmo estruturam narrativas pessoais.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e exploratória, ancorado nos preceitos da pesquisa documental. O foco investigativo recai sobre narrativas jornalísticas, buscando compreender como as pessoas afetadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul lidam com a perda de objetos materiais de valor simbólico.

Para a composição do corpus analítico, a coleta de dados foi realizada por meio do buscador Google Notícias, utilizando a combinação das palavras-chave “memórias” e “Rio Grande do Sul”, com delimitação temporal circunscrita aos meses de abril e maio de 2024, período crítico da catástrofe meteorológica. Durante esse recorte, o noticiário esteve majoritariamente voltado para as perdas de itens essenciais para a sobrevivência física e para os impactos econômicos. Para refinar a busca, foram selecionadas reportagens que abordassem diretamente a perda, o luto, o resgate e a restauração de memórias afetivas e objetos biográficos. Em contrapartida, excluíram-se matérias focadas estritamente em prejuízos monetários, balanços governamentais ou danos à infraestrutura urbana.

A partir desse filtro, identificou-se uma amostra composta por oito reportagens publicadas em diferentes formatos de mídia de abrangência local e nacional. Os veículos que compuseram o corpus incluem a TV Globo, o Portal UOL, a Folha de S. Paulo,

a Deutsche Welle Brasil, o Portal g1, o Grupo RIC e a TV Record. A sistematização das matérias pode ser observada na Tabela 1:

Tabela 1. Corpus de reportagens sobre perda de objetos biográficos nas enchentes do Rio Grande do Sul (2024).

<i>Veículo de Comunicação</i>	<i>Título da Reportagem</i>	<i>Autoria</i>	<i>Data de Publicação</i>
Jornal Nacional (TV Globo)	Chuva leva casas e memórias em todo o estado do Rio Grande do Sul	Não assinada (Redação)	06/05/2024
UOL	'As paredes apodreceram': família viraliza secando fotos após perder tudo	Rafaela Polo	10/05/2024
Folha de S. Paulo	Enchentes no RS destroem cemitérios, soterram memórias e transferência de corpos levará mais de ano	Matheus Teixeira e Pedro Ladeira	11/05/2024
Folha de S. Paulo	Vidas e memórias na correnteza	Ruy Castro	12/05/2024
RIC.com.br	Fotos, brinquedos, bíblia: pessoas deixam memórias para trás nas cheias do RS	Luciano Balarotti	14/05/2024
Fala Brasil (TV Record)	Vítimas das cheias no RS perdem recordações valiosas	Marcela Varasquim	17/05/2024
g1	Cheias no RS: saiba como recuperar fotos danificadas na enchente	Gustavo Chagas	19/05/2024
Deutsche Welle Brasil	O resgate da memória após as enchentes no RS	Valentina Gindri	25/05/2024

Fonte: Elaboração própria.

Cabe ressaltar que a localização de apenas oito ocorrências com esse recorte, em meio a uma profusão de informes diários sobre o evento climático, não é um dado irrelevante; pelo contrário, reflete a própria lógica produtiva do jornalismo em situações de desastre. A cobertura midiática tradicional tende a privilegiar a quantificação objetiva da tragédia, como o número de mortos, os prejuízos econômicos e os danos à infraestrutura, relegando a um segundo plano o impacto subjetivo. Esse fenômeno corrobora a análise de Márcia Franz Amaral, Eloísa Beling Loose e Ilza Maria Tourinho Girardi (2024, p. 8), que consideram que "o desastre é foco de atenção midiática por um período muito aquém de sua existência, com lentes que o reduzem a um evento", alertando para a urgência de o campo jornalístico considerar "outros enquadramentos e interfaces, de modo a qualificar as informações que chegam aos diversos públicos". Essa escassez quantitativa justifica a escolha do corpus, pois as

narrativas encontradas representam exatamente esses novos enquadramentos: são momentos de ruptura na objetividade do noticiário, abrindo espaço para a dimensão sensível das perdas afetivas.

O procedimento metodológico consistiu em uma abordagem interpretativa das narrativas, partindo da extração de trechos textuais, falas de entrevistados (vítimas e voluntários) e registros fotográficos presentes nessas reportagens. O material empírico foi analisado em diálogo com o referencial teórico selecionado, permitindo cruzar os relatos midiáticos de sofrimento e recuperação com os estudos de sobre trauma e recuperação de Judith Herman (1992), e com os pressupostos sobre memória, identidade e o valor insubstituível dos objetos biográficos propostos por Ecléa Bosi, Aleida Assmann, Marialva Barbosa e Maurice Halbwachs. Essa construção metodológica permite compreender que o esforço das vítimas para resgatar e restaurar esses fragmentos atua não apenas como uma ação material, mas como uma estratégia comunicacional e simbólica vital para a reconstrução identitária no cenário pós-desastre.

Resultados

A materialidade dos objetos permite que a memória se torne tangível e acessível ao longo do tempo, como observamos nos relatos dos sobreviventes das enchentes noticiados pela imprensa. O lamento não é apenas pela perda das coisas materiais, mas pela perda da própria memória. Em entrevista ao *Jornal Nacional*, em 6 de maio de 2024, a empregada doméstica Tatieli Bertotti, ao ver que sua casa fora reduzida a escombros desabafou:

E aí todo mundo diz: 'Ah, vocês vão ganhar'. A gente vai ganhar, mas não são nossas coisas. Terminou tudo que nós tínhamos. Foto, roupas, móveis, nada a gente tem mais. Os brinquedos do meu filho, eu consegui achar quatro brinquedos, de tanto brinquedo que ele tinha. (*Jornal Nacional*, 2024)

Aquilo que se perde nas águas da enchente não é apenas o tangível, mas também o intangível: as histórias, os momentos compartilhados, as conexões que esses itens representavam. O portal de notícias do Grupo RIC, uma das maiores empresas de comunicação do Sul do país, publicou em 14 de maio de 2024, a matéria intitulada "Fotos, brinquedos, Bíblia: pessoas deixam memórias para trás nas cheias do RS", mostrando imagens que evidenciam o contraste entre os objetos biográficos perdidos e o entulho espalhado pelas ruas.

Figura 1. Pertences deixados para trás na fuga da enchente



Fonte: Brayan Valêncio / RIC (14 de maio de 2024).

Ruy Castro, em seu artigo *Vidas e memórias na correnteza*, traduz em palavras o que podemos observar na Figura 1: “É cruel. Enquanto as câmeras eternizam o presente, o passado está sendo levado pela correnteza” (Castro, 2024). É possível que a fotografia tenha sido produzida para impactar quem a vê, uma vez que dificilmente um bichinho de pelúcia, tragado pelas águas da enchente, seria localizado em posição tão fotogênica sobre um álbum de fotografias, aberto. Acrescentem-se ainda a boa luz, o bom enquadramento e o contraste entre as cores: o rosa de um objeto que não se sabe de que se trata, na margem superior direita; o cinza do urso, na parte inferior à esquerda; e as páginas brancas do álbum, carcomido pela umidade e sujeira, na parte inferior à direita. Nada disso, no entanto, desabona o conteúdo do comentário de Ruy Castro, pois se trata de objetos ainda molhados, muito danificados, mas que persistem em representar a infância de pessoas cujas identidades desconhecemos.

Uma das imagens que viralizou na internet e ilustrou a reportagem publicada em 10 de maio de 2024 no portal *UOL*, mostra uma mulher secando as fotografias resgatadas em meio à devastação de sua residência, conforme ilustra a Figura 2: “Não sobrou nada, nem para a nossa casa vamos conseguir voltar porque as paredes apodreceram. Mas as fotos são parte da gente, são registros da nossa história” (Polo, 2024), ressaltando o valor de um item que vai além da sua materialidade.

Figura 2. Jovem secando as fotografias da família resgatadas da enchente



Fonte: Milena Paungartner / UOL (10 de maio de 2024).

Em entrevista à Deutsche Welle Brasil, publicada em 25 de maio de 2024, Gustavo Oliveira, criador de uma força-tarefa voluntária na cidade de Novo Hamburgo, conta que muitas fotos encontradas pelas famílias estão tão danificadas que mal se reconhece o que há nelas. Mesmo assim, um pai descrevia com riqueza de detalhes o rosto dos filhos em uma imagem borrada, como se ainda conseguisse enxergá-los claramente na memória.

Na reportagem "Vítimas das cheias no RS perdem recordações valiosas", exibida pelo Jornal Fala Brasil em 17 de maio de 2024, a repórter Marcela Varasquim convida o telespectador a refletir sobre qual objeto significativo de sua vida ele gostaria de resgatar caso também fosse afetado pelas enchentes. A resposta mais recorrente entre seus entrevistados foi as fotografias. Para a maioria, "perder imagens da família seria como se desconectar da própria história" (Varasquim, 2024).

Além das fotos, outros objetos, como brinquedos e itens religiosos, também representam a vida anterior à tragédia. Perdê-los, como já mencionado, não é financeiramente mensurável, pois nada expõe de forma tão contundente a desconstrução de um legado familiar e do espaço que guardava sonhos e lembranças. Gustavo Oliveira relata ainda que as pessoas, quando retornavam às suas casas, buscavam prioritariamente essas memórias materializadas em objetos: "Ninguém vai ver o sofá, a TV, todos correm para buscar fotos ou algum tipo de recordação. É unânime: todos" (Gindri, 2024), afirmou.

A notícia "Enchentes no RS destroem cemitérios, soterram memórias e transferência de corpos levará mais de ano", publicada pela Folha de S. Paulo em 11 de maio de 2024, lembra que "a enchente destruiu o quadro do avô que ficava na parede da casa do neto e levou junto sua lápide" (Teixeira; Ladeira, 2024).

Em meio ao caos, algumas reportagens reproduziram relatos emocionantes de pessoas que, apesar de perderem praticamente tudo, tentavam salvar não só fotografias, mas também outros itens de valor simbólico. Um dos exemplos foi o de um homem que, após encontrar sua aliança em meio à destruição, imediatamente colocou o anel de volta no dedo, como se, assim, preservasse a memória do seu casamento e de tudo o que ele significou até aquele momento de sua vida, em um contexto de tragédia (Gindri, 2024).

Outro caso é o da artesã Luciana Gastal, que compartilhou a experiência de salvar fotos e itens simbolicamente importantes da casa tomada pelas águas de seus avós maternos, já falecidos. Sensibilizada pela experiência, criou o projeto São Nossas Origens, com outros voluntários, para localizar e recuperar pertences de valor histórico e afetivo de outras famílias atingidas pelas enchentes, como se observa na Figura 3:

Figura 3. Pertences que Luciana Gastal conseguiu resgatar na casa da avó



Fonte: Luciana Kaempf Gastal / Deutsche Welle Brasil (25 de maio de 2024).

Ao caminhar pelas ruas de Sinimbu, os voluntários passaram a recolher itens que ainda poderiam fazer parte da memória coletiva do município, sob risco de serem apagados pela tragédia:

Toda história da cidade estava ali dentro daquelas casas. Não tem museu. Não é alguém que veio de São Paulo para morar ali. Quem é de Sinimbu, o avô veio da Alemanha, é tudo muito distante. Então a história é os objetos que estão ali, e estão indo para o lixo. (Gindri, 2024)

As redes de apoio e as iniciativas comunitárias desempenharam papel crucial nesse processo. Exemplo disso foi a doação de CDs da cantora Taylor Swift, realizada por fãs da artista, para que uma moradora da cidade de Novo Hamburgo pudesse substituir sua coleção original, perdida nas águas (Polo, 2024).

Outra matéria do Portal g1, publicada em 19 de maio de 2024, trouxe informações práticas sobre como recuperar fotos danificadas pela enchente. A justificativa para a escolha da pauta foi apresentada por Márcia Molina, professora de Fotografia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos): "A foto é aquilo que liga alguém a um momento, a uma pessoa. É um material que representa uma história, uma lembrança. São coisas importantes" (Chagas, 2024).

Discussão

Os objetos possuem um papel fundamental na construção da identidade e da história pessoal de cada sujeito. Mais do que meros artefatos materiais, carregam significados que se entrelaçam com as experiências individuais e coletivas, pois "dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra (...) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva (...)" (Halbwachs, 1990, p. 51). Ao guardar um objeto de um ente querido ou um item que remete a um momento significativo, a pessoa mantém viva a conexão com sua história e com aqueles que fazem parte dela. Esse vínculo transcende o tempo e o espaço, consolidando uma continuidade identitária.

Podemos portando dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992 p. 204, grifo do autor).

Para além dos danos materiais, as enchentes no Rio Grande do Sul também trouxeram um rompimento simbólico com a história pessoal dos atingidos. A água, ao invadir as moradias e destruir os espaços domésticos, levou consigo memórias e objetos que carregavam significados afetivos imensuráveis. Um álbum de fotografias, por exemplo, "é construído por um ou vários membros e contado por um ou vários familiares" (Silva, 2008, p. 24), podendo atuar como um catalisador de diálogos intergeracionais, permitindo que lembranças sejam compartilhadas e re-interpretadas continuamente.

Para muitos, a casa não é apenas um abrigo físico, mas um verdadeiro “universo de memórias” que representa a segurança, as histórias familiares e as raízes pessoais, “tentativas de criar um mundo acolhedor entre as paredes que o isolam do mundo alienado e hostil de fora” (Bosi, 2003, p. 25). Essa dimensão íntima dialoga profundamente com as reflexões de Gaston Bachelard (1993) em *A Poética do Espaço*. O autor postula que a casa é o nosso “canto do mundo”, o nosso “primeiro universo”, um local que transcende sua geometria para se converter em um refúgio que abriga o devaneio e protege o sonhador. A aniquilação desse ambiente protetor lança as vítimas em um desabrigo que é, simultaneamente, físico e existencial, aprofundando intensamente a significação do colapso e do trauma provocado pelo desastre.

Os sepulcrais também foram assolados pela tragédia, locais de memória nos quais se mantêm vivos os vínculos afetivos com os antepassados, “um local sagrado, instaurado pela presença do morto” (Assmann, 2011, p. 345). Quando atingidos por eventos dessa natureza, conforme lembra Santos (2013), deixam de funcionar como gatilhos para nossas memórias, pois, para a memória cultural, da qual a autora alemã é uma das principais referências, lembramos a partir de pontos fixos e de elementos naturais, como paisagens; de artefatos culturais, como quadros; de produções simbólicas, como monumentos; de relações entre diferentes temporalidades, como passado e presente, e também entre vivos e mortos.

A preferência pelo suporte físico pode parecer paradoxal em uma era de onipresença tecnológica. Em *Extended Self in a Digital World* (2013), Russell Belk aborda a “desmaterialização” (p. 478), com a ressalva de que as posses virtuais são “quase, mas não exatamente, o mesmo”³ (p. 480, tradução nossa) que as materiais, pois embora a “nuvem” garanta a salvaguarda da informação visual, ela não replica a “pátina” e as “características táteis” que permitem aos objetos físicos absorverem a essência de seus donos (p. 481). Há uma dimensão tátil na posse material que, ao ser destruída pela enchente, não encontra consolo no backup virtual. Tal prioridade se justifica porque “essas qualidades tangíveis permitem que as posses físicas acumulem pistas de memória que transcendem o evento específico, reconectando o sujeito a tempos e lugares perdidos”⁴ (van den Hoven et al., 2021, p. 95, tradução nossa).

Essa insubstituibilidade reforça que a ênfase nas fotografias nos relatos não se explica apenas pelo conteúdo visual, visto que há “uma clara relação de identidade entre a foto de uma pessoa e sua família” (Silva, 2008, p. 78). Conforme observa Anna Topolska, em seu artigo *Shaping Memory through Visuality: War Photography in Polish Secondary School History Textbooks after 1989*, publicado em 2023, a imagem fotográfi-

3 No original: Almost, but Not Quite, the Same (BELK, 2013, p. 480).

4 No original: These tangible qualities allow physical possessions to accumulate memory cues not only to episodic events, but also to time periods, places and felt experiences. (van den Hoven et al., 2021, p. 95).

ca atua como uma “janela” material que ratifica a existência de determinado evento (“*that-has-been*”) (p. 73). Essa materialidade abre uma “esfera de espectralidade”, zona de encontro entre o presente do observador e os “espectros” do passado, permitindo resgatar a subjetividade daqueles que já se foram (p. 64). Quando uma enchente destrói fotografias, ela não apaga somente a imagem que ali se inscreve, mas interrompe a possibilidade de revisitar aquele passado, de reativar a narrativa que a imagem ajudava a sustentar. Essa articulação entre materialidade e memória também pode ser compreendida à luz do que Boris Kossoy define como uma “segunda realidade”. Segundo o autor, o objeto fotografado se extingue no passado, mas deixa seu rastro na representação fotográfica, constituindo uma “segunda vida imaginária, substância da memória, que se faz perpétua se não for destruída pela ação do homem ou da natureza” (Kossoy, 2021, p. 20).

O relato do pai que descrevia o rosto dos filhos na imagem borrada ilustra o que Susan Sontag (2004, p. 33, grifo do autor) define como o convite à dedução inerente à fotografia. Segundo a autora, “a sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: ‘Aí está a superfície. Agora, imagine — ou, antes, sinta, intua — o que está além, o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto’”. Para aquele pai, a fotografia danificada oferecia apenas a superfície, mas foi o seu “sentir” e “intuir” que lhe permitiram reconstruir a realidade viva dos filhos para além da mancha visível.

Já o borramento causado pela água, ou a corrosão deixada pela lama e por outros dejetos, produz uma nova camada de sentido, e a imagem passa a testemunhar não apenas o momento fotografado, mas também a violência da tragédia que a atingiu. Essa perspectiva dialoga com a análise de Elizabeth Edwards, no artigo *Photography and the Material Performance of the Past* (2009), que argumenta que a fotografia não deve ser compreendida apenas pelo seu conteúdo visual, mas como um objeto cuja materialidade “performa” o passado. Para a autora, as marcas físicas e o desgaste não são apenas danos, mas vestígios que narram a trajetória social do objeto. Assim, ao exibir as feridas da enchente, a fotografia transcende sua imagem original para se tornar uma prova material do evento que a transformou, atuando como uma “performance material” da própria catástrofe.

É imperativo considerar, contudo, que o texto jornalístico não atua como um espelho neutro ou uma expressão inquestionável da verdade, mas como uma construção discursiva atravessada por estratégias narrativas e enquadramentos editoriais. Como adverte Bueno (2018, p. 548):

A espetacularização da cobertura (que pode ganhar maior dramaticidade durante as catástrofes ambientais), os interesses políticos e empresariais que governam a mídia, o desejo de aumentar a audiência a qualquer custo podem

representar, na prática, entaves a uma participação adequada dos meios de comunicação e dos profissionais de imprensa.

Sob essa ótica, as próprias falas e os relatos de dor dos sobreviventes sofrem a inevitável mediação do repórter, que seleciona, recorta e contextualiza os depoimentos, inserindo-os em uma lógica produtiva que, muitas vezes, deixa em segundo plano as causas estruturais da tragédia.

Nesse sentido, conforme apontam Camila Londero Souto, Milene Aparecida Eichelberger e Laura Strelow Storch (2025, p. 6), o jornalismo não pode se esconder atrás de uma suposta neutralidade, pois “em contextos de crise climática e injustiça social, informar é também posicionar-se”. Essa diversidade de abordagens evidencia o papel da mídia não só como transmissora de informações, mas também como agente ativo na constituição da narrativa da tragédia e da própria memória midiática. Afinal:

os dispositivos midiáticos formam hoje lugar privilegiado para os agenciamentos envolvendo a memória coletiva e, sobretudo, o enquadramento da memória. Constituindo-se em pólos de convergência das dinâmicas sociais, as mídias (sobretudo as de caráter jornalístico) armazenam informações que se convertem em fontes para historiografia, como também recuperam acontecimentos pregressos podendo imprimir a eles novos enquadramentos. (Henn, 2006, p. 179).

Com a trégua das águas, muitos atingidos se depararam com o esqueleto de suas casas, repletas de entulho, lama e objetos danificados. Para compreendermos a dimensão do impacto psíquico causado por essa destruição, precisamos entender o conceito de trauma na psicanálise: “toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora” (Freud, 1996, p. 196). Nesse sentido, Paulo Endo (2013) sugere que o trauma se instala no psiquismo como algo que não pode ser esquecido, mas que também não consegue ser totalmente lembrado ou dito. O autor aponta que eventos catastróficos produzem uma marca que desafia a linguagem, exigindo “tentativas de figuração, representação e compreensão que [...] se abrem para alguma restauração do pensamento diante do inominável” (p. 43). Assim, quando as vítimas se dedicam a salvar um objeto enlameado, estão, na verdade, tentando transformar esse “excesso” traumático em uma memória palpável, lutando contra o esquecimento absoluto que a destruição material ameaça impor. Movidos por essa urgência de reparação, voluntários e moradores uniram-se em esforços comunitários para salvar o que restava das lembranças desses locais.

Recuperar objetos do tempo passado gera conforto para enfrentar os danos emocionais e psicológicos do tempo presente: “A memória configura-se, assim, como um conector fundamental que nutre o passado, ao mesmo tempo em que o torna presente” (Barbosa, 2019, p. 19). O esforço para salvaguardar e restaurar objetos foi, para

muitos, uma maneira de reconstruir o sentido de pertencimento e de manutenção da identidade social e coletiva, “visto que, em última análise, o que recordamos, enquanto indivíduos, é sempre condicionado pelo facto de pertencermos a um grupo” (Peralta, 2007, p. 6).

A busca por especialistas, como marceneiros e restauradores, ajudou os objetos avariados a testemunharem o que lhes sucedeu, funcionando como provas da verdade, ou “testis”, como conceitua Seligmann-Silva (2005). Ainda que tenham sido alterados para dirimir os efeitos da sujeira, da lama e da água, permanecem “aptos a expressar o passado de forma profunda e sensorialmente convincente”. (Meneses, 1998, p. 90). Assim, ao manipular os álbuns de fotografias, as famílias e as gerações subsequentes poderão não só conhecer quem foram as pessoas e os objetos retratados, mas também o que sucedeu às materialidades de seus suportes, sem precisar da interferência de especialistas que atestem sua história.

A memória, portanto, se tornou um campo de reconstrução não apenas da cultura material, mas também das dimensões emocionais e simbólicas da vida social, permitindo que os atingidos pelas enchentes, mesmo diante da devastação, continuassem a escrever suas histórias.

Conclusões

A perda de objetos biográficos, que fazem parte do patrimônio material e imaterial, em situações de tragédia, como as enchentes no Rio Grande do Sul, vai muito além do prejuízo material. Esses itens são elementos fundamentais para a construção da identidade pessoal e coletiva, porque funcionam como vínculos tangíveis com o passado e, por isso, são quase sacralizados. Quando esses objetos, que não são passíveis de substituição, desaparecem, as memórias que carregam tornam-se mais difíceis de acessar, aumentando a sensação de desorientação e luto dos atingidos. A impossibilidade de que, no futuro, novas gerações conheçam o que foi perdido torna essas sensações ainda mais intensas, dada a singularidade de cada um desses itens.

Diante desse impacto emocional, é essencial reconhecer a importância dos processos de ressignificação e reconstrução simbólica no contexto do pós-trauma coletivo. A busca por fotografias, a tentativa de recuperar objetos danificados e a criação de espaços para compartilhar lembranças são formas de manter vivas as histórias individuais e comunitárias. Nesse sentido, iniciativas como grupos de apoio, oficinas de reconstrução de memórias e o trabalho de restauradores são fundamentais para ajudar os atingidos a resgatar não apenas seus pertences, mas também suas histórias de vida e narrativas pessoais.

Ademais, é necessário que as políticas de assistência pós-desastre considerem não apenas a reposição de bens essenciais, mas também a importância do apoio psicossocial no enfrentamento da perda imaterial. A documentação de histórias, a digitalização de imagens resgatadas e a criação de arquivos comunitários podem constituir formas eficazes de preservar e reconstruir memórias.

Por fim, a tragédia que assolou o Rio Grande do Sul evidencia que a identidade e a história não estão apenas nas construções físicas, mas também nos pequenos fragmentos do cotidiano que conectam indivíduos ao seu passado. Valorizar essas memórias e criar mecanismos para sua preservação é um passo essencial na resiliência coletiva e na reconstrução emocional das comunidades atingidas.

Declaração de uso de Inteligência Artificial

Durante a preparação deste trabalho, foram utilizadas as ferramentas ChatGPT (modelo GPT-5, OpenAI) e Gemini (Google), exclusivamente para apoio na redação, revisão linguística, tradução e formatação de acordo com as normas editoriais. As interpretações, análises e conclusões apresentadas são de inteira responsabilidade das autoras.

Referências

- Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico. (2025). *As enchentes no Rio Grande do Sul: Lições, desafios e caminhos para um futuro resiliente*. <https://www.gov.br/ana/pt-br>
- Ahuvia, A. C. (2005). Beyond the extended self: Loved objects and consumers' identity narratives. *Journal of Consumer Research*, 32(1), 171–184. <https://doi.org/10.1086/429607>
- Amaral, M. F., Loose, E. B., & Girardi, I. M. T. (Eds.). (2024). *Manual para a cobertura jornalística dos desastres climáticos*. FACOS-UFSM. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/290009/001242568.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Assmann, A. (2011). *Espaços de recordação: Formas e transformações da memória cultural* (P. Soethe, Trad.). Editora Unicamp.
- Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço* (A. de P. Danesi, Trad.). Martins Fontes.
- Balarotti, L. (2024, 14 de maio). *Fotos, brinquedos, bíblia: Pessoas deixam memórias para trás nas cheias do RS*. RIC.com.br. <https://ric.com.br/cotidiano/tempo/fotos-brinquedos-biblia-pessoas-deixam-memorias-para-tras-nas-cheias-do-rs/>
- Barbosa, M. C. (2019). Comunicação, história e memória: Diálogos possíveis. *MATRIZES*, 13(1), 13–25. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p13-25>
- Belk, R. W. (2013). Extended self in a digital world. *Journal of Consumer Research*, 40(3), 477–500. <https://doi.org/10.1086/671052>
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social* (3ª ed.). Ateliê Editorial.

- Bueno, W. C. (2018). Gestão da comunicação em desastres ambientais: Conflitos de interesse, de práticas e de discursos. *Revista Observatório*, 4(2), 539–569. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n2p539>
- Castro, R. (2024, 12 de maio). Vidas e memórias na correnteza. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2024/05/vidas-e-memorias-na-correnteza.shtml>
- Chagas, G. (2024, 19 de maio). *Cheias no RS: Saiba como recuperar fotos danificadas na enchente*. g1. <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/19/cheias-no-rs-saiba-como-recuperar-fotos-danificadas-na-enchente.ghtml>
- Edwards, E. (2009). Photography and the material performance of the past. *History and Theory*, 48(4), 130–150. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2303.2009.00523.x>
- Endo, P. (2013). Pensamento como margem, lacuna e falta: Memória, trauma, luto e esquecimento. *Revista USP*, (98), 41–50. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i98p41-50>
- Fala Brasil. (2024, 17 de maio). *Vítimas das cheias no RS perdem recordações valiosas* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=-unoXX62pDs>
- Freud, S. (1996). Esboços para a comunicação preliminar de 1893. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., 3ª ed., Vol. 1). Imago. (Trabalho original publicado em 1892)
- Gindri, V. (2024, 25 de maio). O resgate da memória após as enchentes no RS. Deutsche Welle Brasil. <https://www.dw.com/pt-br/o-resgate-da-mem%C3%B3ria-ap%C3%B3s-as-enchentes-no-rs/a-69171535>
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva* (L. L. Schaffter, Trad., 2ª ed.). Vértice.
- Henn, R. (2006). Direito à memória na semiosfera midiaticizada. *Fronteiras: Estudos Midiáticos*, 8(3), 177–184. <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6132>
- Herman, J. L. (1992). *Trauma and recovery*. Basic Books.
- Jornal Nacional. (2024, 6 de maio). *Chuva leva casas e memórias em todo o estado do Rio Grande do Sul*. g1. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/05/06/chuva-leva-casas-e-memorias-em-todo-o-estado-do-rio-grande-do-sul.ghtml>
- Kopytoff, I. (2008). A biografia cultural das coisas: A mercantilização como processo. In A. Appadurai (Ed.), *A vida social das coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Kossov, B. (2021). Fotografia e história: As tramas da representação fotográfica. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, (70), 9–35. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2021v70p9-35>
- Laboissière, P. (2024, 3 de maio). "Maior catástrofe meteorológica da história do RS", diz ministro. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/estamos-diante-da-maior-catastrofe-meteorologica-da-historia-do-rs>
- Meneses, U. T. B. de. (1998). Memória e cultura material: Documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, 11(21), 89–103.

- Peralta, E. (2007). Abordagens teóricas ao estudo da memória social: Uma resenha crítica. *Arquivos da Memória*, (2), 4–23. [https://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/02_Elsa_Peralta\(1\).pdf](https://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/02_Elsa_Peralta(1).pdf)
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200–212. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>
- Polo, R. (2024, 10 de maio). "As paredes apodreceram": Família viraliza secando fotos após perder tudo. UOL Notícias. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/10/ver-as-fotos-secando-me-emocionou-diz-jovem-que-perdeu-tudo-no-rs.htm>
- Santos, M. S. dos. (2013). Memória coletiva, trauma e cultura: Um debate. *Revista USP*, (98), 51–68. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i98p51-68>
- Seligmann-Silva, M. (2005). Testemunho e a política da memória: O tempo depois das catástrofes. *Projeto História*, (30), 71–98. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255/1348>
- Silva, A. (2008). *Álbum de família: A imagem de nós mesmos* (S. M. Dolinsk, Trad.). Editora Senac São Paulo; Edições SESC SP.
- Sontag, S. (2004). *Sobre fotografia*. Companhia das Letras.
- Souto, C. L., Eichelberger, M. A., & Storch, L. S. (2025). Desastres ambientais e o papel do jornalismo: Por uma cobertura crítica, segura e comprometida. *Anais do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom. <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/23/070420251449116868141702d12.pdf>
- Teixeira, M., & Ladeira, P. (2024, 11 de maio). Enchentes no RS destroem cemitérios, soterram memórias e transferência de corpos levará mais de ano. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/05/enchentes-no-rs-destroem-cemiterios-soterram-memorias-e-transferencia-de-corpos-levara-mais-de-ano.shtml>
- Topolska, A. (2023). Shaping memory through visibility: War photography in Polish secondary school history textbooks after 1989. *Journal of Educational Media, Memory, and Society*, 15(1), 62–79. <https://doi.org/10.3167/jemms.2023.150104>
- van den Hoven, E., Orth, D., & Zijlema, A. (2021). Possessions and memories. *Current Opinion in Psychology*, 39, 94–99. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2020.08.014>
- Wissenbach, A. M. C. C. (2002). Cartas, procurações, escapulários e patuás: Os múltiplos significados da escrita entre escravos e forros na sociedade oitocentista brasileira. *Revista Brasileira de História da Educação*, (4), 103–122. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38724>